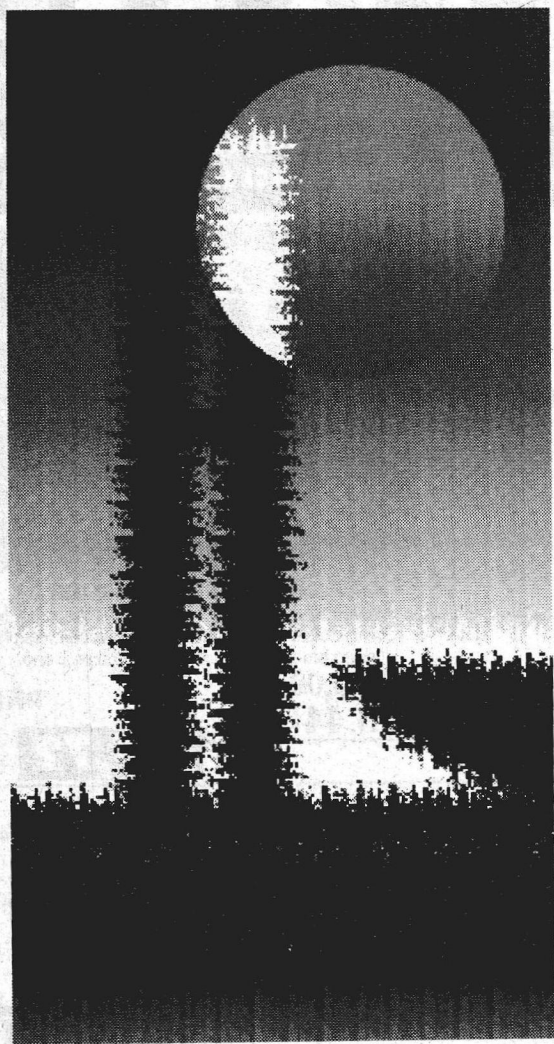


MIGUEL FALABELLA

UM CORAÇÃO URBANO



Céu do cerrado

BRASÍLIA

• Comecei a turnê da peça por aqui, enfrentando a platéia do Teatro Nacional, um mar de veludo esverdeado, cabeças e cabeças, risos anônimos, aplausos, um imenso quarto de hotel e o céu, sempre o céu do cerrado, rasgado, avassalador, que descreve um arco enevoadado sobre as nossas cabeças, num sem fim de horizontes. Brasília é uma cidade estranha. Para nós, atores, acostumados às cidades cenográficas, é como se olhássemos

do outro lado do espelho, assistindo à vida se desenrolar nas superquadras, tão cuidadosamente planejadas, com seus jardins, seu comércio, sua estrutura aparentemente perfeita. Eu, confesso, fico aflito com toda aquela organização, principalmente porque a cidade acaba expondo para o resto do país suas entranhas e, convenhamos, a visão não é das mais agradáveis. *Vox populi, vox Dei*: por fora bela viola, por dentro, pão bolorento. Em Brasília, respira-se o ar viciado do poder e é impossível fingir que nada está acontecendo, logo ali, atrás daquelas paredes. Como diz minha amiga Mona

ouvidos. E, novamente aqui em Brasília, essa lembrança volta com uma força inacreditável.

Mas eu falava do céu e é para o céu que eu olho sempre, quando estou por aqui. A gente tem que estar muito bem, neste lugar, porque o céu, ainda que belíssimo, é de uma crueldade impressionante. Violento, mesmo. Esse olhar que se perde na cidade, essa falta de limites no alcance da vista, vai trazendo à tona toda e qualquer falência emocional, de modo que a cabeça gira e gira, como um pião da infância. Eu, hein, Rosa?, como diria minha avó...

Saback, vocês, pelo país agora, sentem o cheiro da coisa; aqui, nós pisamos nela.

Mas o público é múltiplo, gente de toda parte e o carinho brota daquela terra vermelha com uma facilidade inacreditável. Há anos atrás, quando eu voltava ao Brasil, ainda inseguro em relação a minha carreira, fui escolhido para fazer um filme em Brasília e fiquei por aqui uma temporada, rodando o que seria minha primeira aparição forte no meio artístico. O filme era "O sonho não acabou", de Sérgio Rezende e eu, Laurinho Corona, Lucélia Santos, Louise Cardoso, Daniel Dantas e Chico Dias, nos reunimos ao elenco da cidade, e tivemos uma das temporadas mais felizes de nossas vidas. Depois, outras visitas aconteceram e uma, particularmente, ficou na história. Eu e Guilherme Karam, após quase dois anos de turnê, com "Sereias da Zona Sul", terminamos a temporada no Teatro Nacional, numa noite mágica, com a presença da grande Dulcina de Moraes. No final do espetáculo ela foi ao camarim levar seu abraço e quando saímos, cruzando o palco às escuras, olhando para aquela platéia imensa e adormecida, ela apertou meu braço e, com os olhos brilhando de saudade, disse:

— Que alegria vocês devem ter tido esta noite!

Ela sabia o que estava dizendo, após toda uma vida no palco. Nunca me esqueci do rosto de Dulcina me dizendo aquela frase. Acho que nunca vou me esquecer e, vez ou outra, quando estou em cena, aquela voz teatral ainda invade meus

Brasília era a cidade de meu querido Vicente Pereira e a lembrança da sua gargalhada de cristal convive comigo nesses dias de pouca umidade. Fomos jogar boliche e eu estava me sentindo tão relaxado, tão feliz, ali, entre amigos, tentando um *strike* sem maiores expectativas, quando aquela bola rolando na pista, misturando as cores na sua velocidade, me trouxe a lembrança dele. Não me deixou triste, porque lembrar de Vicente Pereira, de suas frases, das coisas que ele escreveu, é sempre um sopro de alegria no coração, mas que vontade, meu Deus!, de chegar no hotel e encontrar um bilhete no escaninho, com a letra dele, dizendo algum absurdo. Maior do que a vida porque ele era assim. Absurdo, engraçado, incoerente e apaixonante. Fiquei pensando nele e nem percebi que fiz um *strike*.

Em Brasília, eu conheci Tia Neiva e sua cidade que ela sonhou, com a luz da terra e a força do jaguar, passei no Lago com os amigos que fiz por aqui, escutei Neusa França, mãe de Denise Bandeira, tocar piano, num almoço ao cair da tarde, dancei com Marcelo Saback, descobri o rosto sofrido das cidades-satélites, onde mora aquela gente de quem nunca se fala, amei, ri e até passei um carnaval, há anos atrás. E, agora, recomeço. A mala ainda está com cara de nova, as roupas nem foram retiradas. Uma turnê apenas se inicia e já traz a lembrança de tantas histórias. Muitas, convenhamos, histórias para uma cidade sem nenhuma esquina. O bom é saber que outras, sem dúvida alguma, virão.